

Co-realização:



70 ANOS  
PROTEGENDO PESSOAS  
FORÇADAS A SE DESLOCAR

FOLHA100  
\*\*\*

O ACNUR Brasil agradece o apoio de todos os seus doadores, incluindo:



Canadá



União Europeia



Colaboração do  
Povo Japonês



Doadores privados do ACNUR Brasil:



Parceiros:



# QUEM CONTA ESSA HISTÓRIA

Refugiados jornalistas  
ou jornalistas refugiados ?

## Para você, professor/a

É provável que os termos relacionados a deslocamento forçado e refugiados não sejam estranhos aos seus ouvidos. É possível ainda que seus alunos e alunas também tenham algum conhecimento sobre o tema ou que algum deles seja ou conheça pessoas refugiadas ou de outra nacionalidade.

Mas entendemos que precisamos ir além do simples reconhecimento desses vocábulos para caminhar rumo à construção de uma sociedade verdadeiramente solidária e devidamente informada. Enriquecer esse conhecimento é ponto de partida.

Com a sua colaboração, professora ou professor, vamos estimular a compreensão dessa temática tão humana de forma abrangente. Pessoas foram e são forçadas a deixar suas casas e buscam proteção em outros países, como aqui, no Brasil, em sua cidade.

É por meio de suas histórias de superação, permeadas de desafios, às vezes, inimagináveis, que elas se fazem conhecer. Para isso, é preciso gerar o interesse pela escuta genuína, primeiro passo para se obter respeito verdadeiro, que vai além da tolerância. Inspirados na exposição “Quem conta essa história: refugiados jornalistas ou jornalistas refugiados?” – parceria entre o ACNUR, Agência de Refugiados da ONU, e a Folha de S.Paulo, com o apoio do Museu da Imigração e do Memorial da América Latina, apresentamos a você este material para que sirva de referência na abordagem do tema em sala de aula.

# QUEM CONTA ESSA HISTÓRIA

**Refugiados jornalistas  
ou jornalistas refugiados?**

A exposição “Quem conta essa história, refugiados jornalistas ou jornalistas refugiados?” traz à luz histórias de jornalistas que tiveram de deixar seus países de origem para preservar suas vidas. O trabalho deles, que consistia em retratar as realidades vividas por seus conterrâneos, passou a ser razão de ameaças e perseguições políticas – sendo este um dos motivos de reconhecimento da condição de refugiado (explicaremos mais sobre isso adiante).

No Brasil, esses refugiados foram ouvidos por jornalistas da Folha de S.Paulo, e suas histórias foram reproduzidas pelo jornal e transformadas em exposição.



©ACNUR/Adrianne Surprenant, 2019  
Centro-africanos começam a retornar a seu país de origem depois de terem se refugiado na República Democrática do Congo.  
Campo de Refugiados de Mole, Zongo, República Democrática do Congo.

## Carlos



Gerente de produção de uma TV venezuelana, Carlos teve que deixar o país depois de ter sido sequestrado por dois homens, que, em meio a socos e coronhadas, falavam de detalhes de sua rotina e de seu trabalho. Depois de providenciar a estadia de seus pais com segurança no Equador, Carlos começou uma longa viagem em busca de proteção, que o colocou sob o status de refugiado no Brasil. Vivendo em São Paulo, hoje ele e a namorada vendem arepas e outros itens da culinária venezuelana. vendem arepas e outros itens da culinária venezuelana.

©ACNUR/Santiago Escobar, 2018  
Venezuelanos caminham cerca de 200 quilômetros da cidade de Cúcuta a Bucaramanga, na Colômbia. Cúcuta, Colômbia.



## Claudine



Uma publicação especial sobre crianças recrutadas à força pelo exército congolês organizada por Claudine foi, segundo ela, o gatilho para ameaças e demonstrações de violência que vitimaram a jornalista. “Quando colocaram fogo na minha casa, percebi que tinha que parar.”  
Do incêndio, ela salvou seu filho, com quem vive em São Paulo, e seus diplomas.

República Democrática do Congo

Venezuela



©ACNUR/Shawn Baldwin, 2014  
Dinâmica familiar de refugiados sírios em sua casa na maior cidade turca. Istambul, Turquia.

# Kamil



Correspondente no Brasil, Kamil sofreu as consequências de uma intervenção do governo turco na agência de notícias e no jornal em que trabalhava, em 2016. Naquela ocasião, 46 jornalistas que atuavam nesse grupo de mídia foram presos. Em 15 de julho, uma tentativa de golpe na Turquia havia deixado cerca de 250 mortos e 2.000 feridos. O governo culpou grupos opositores pelo episódio, que foi usado como justificativa para perseguições. Kamil, que já estava no Brasil, permaneceu por aqui.

Turquia

# Victorios



O jornalista sírio registrava conflitos e protestos em Daraa, em 2011, ano que marcou o início da guerra que se estende até hoje em seu país. Quando seus vídeos começaram a ganhar visibilidade nos grandes canais de TV do Oriente Médio, ele passou a ser perseguido por homens armados e chegou a levar um tiro no pé. Em 2012, depois de muito esforço, Victorios finalmente deixou a Síria e, em 2015, chegou a São Paulo, onde vive até hoje.

©ACNUR/ Ritzau Scanpix, 2020  
Deslocados internos da Síria buscam proteção diante dos ataques armados no país. Idlib, Síria.



Síria

## O nome que se dá

O deslocamento forçado pode acontecer por diferentes motivos e pode ultrapassar ou não fronteiras nacionais.

O termo “refugiados” se refere às pessoas que tiveram que se deslocar por conta de guerras, violência generalizada, graves violações dos direitos humanos ou perseguições relacionadas a questões de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opinião política – que é a categoria na qual se enquadram os jornalistas refugiados.

Mas é importante reconhecer a existência de distintos grupos de pessoas, cada qual com necessidades específicas, que podem ser divididos nas seguintes categorias:

- **Refugiado:** teve que deixar seu país em busca de proteção internacional em outro país.
- **Solicitante da condição de refugiado (também referido como solicitante de asilo ou requerente de asilo):** pediu o reconhecimento da condição de refugiado no país de acolhida, sem que seu caso tenha sido julgado.
- **Deslocado interno:** teve que deixar sua casa em busca de proteção, mas se mantém dentro de seu próprio país.
- **Retornado:** refugiado que retornou voluntariamente ao seu país de origem.
- **Apátrida:** não tem nacionalidade reconhecida por país algum.



©ACNUR/Roger Arnold, 2017

Profissional do ACNUR orienta famílias Rohingya para que possam chegar ao centro de trânsito em Cox's Bazar, sudeste de Bangladesh. Palong Khali, Anjuman Para, Bangladesh.

Você deve ter percebido que o termo “migrante” não está nessa lista, e a razão para isso é o fato de que a migração não é um deslocamento propriamente forçado, única alternativa possível para quem está com sua vida ameaçada. Devido a circunstâncias específicas, os refugiados precisam de proteção internacional. Frequentemente, migrantes optam por deixar seus países de origem por razões relacionadas com questões econômicas, oportunidades de emprego, acesso à educação, entre outras. Eles têm a possibilidade de retornar ao país quando quiserem – o que não é o caso dos refugiados.

A proteção aos refugiados é uma pauta humanitária que se fundamenta em compromissos internacionais traduzidos nos tratados da Convenção de Genebra e assumidos por 148 países, em 1951. Uma de suas premissas fundamentais é a não extradição ou retorno forçado de refugiados a situações que representem ameaças as suas vidas ou a sua liberdade.

Em 1960, o Brasil se comprometeu internacionalmente a acolher refugiados, quando ratificou a Convenção sobre o Estatuto dos Refugiados. Em 1997, as principais disposições desse tratado internacional foram reproduzidas e ampliadas em uma lei federal (Lei 9.474/97), que criou estruturas governamentais para tratar do tema de forma permanente pelo Estado.

É importante conhecer esses conceitos a fim de se atentar ao uso político de um termo ou outro na tentativa de não assumir ou desviar a atenção das obrigações legais do país.

## Desmistificando

Reunimos alguns mitos sobre a questão dos refugiados. Conhecê-los pode reforçar o uso correto dos conceitos e, principalmente, contribuir para o combate à xenofobia.

### “Refugiados são criminosos ou terroristas”

De acordo com a lei brasileira de refúgio (Lei 9.474/97), a pessoa não será reconhecida como refugiada se, antes de chegar ao Brasil, tiver “cometido “crime contra a paz, crime de guerra, crime contra a humanidade, crime hediondo, participado de atos terroristas ou tráfico de drogas”. Uma vez reconhecida como refugiada no Brasil, a pessoa está sujeita às mesmas leis penais que os brasileiros.

©ACNUR/Felipe Irnaldo, 2020  
Crianças da etnia Warao, da Venezuela, no abrigo do ACNUR próximo a Manaus, Brasil.



### “Refugiados estão no Brasil de forma irregular”

Toda pessoa que solicita a condição de refugiado em território brasileiro recebe um documento provisório de identificação, CPF e carteira de trabalho. Esses documentos permitem que ela permaneça e trabalhe no país de forma regular, até que sua solicitação seja apreciada pelo governo brasileiro. Depois de ter reconhecida sua condição de refugiado pelo governo, a pessoa recebe seu Registro Nacional Migratório (RNM), documento que lhe garante o status regular no Brasil.

### “Refugiados irão tomar o emprego dos brasileiros”

A presença de refugiados em um país nunca é uma relação de “soma-zero”, em que cada emprego para o refugiado equivale a um emprego a menos para o brasileiro. Isso porque a economia é dinâmica e constantemente remodela e adequa os postos de trabalho. Além disso, os refugiados têm contribuído significativamente com a economia, com sua iniciativa empreendedora, experiência profissional, capacidade inovadora, idiomas, vivência internacional e capital cultural. No campo individual, há inúmeros casos de pessoas refugiadas empreendedoras no Brasil, que não apenas compram de fornecedores brasileiros, mas também contratam diretamente brasileiros para suas empresas e diversificam a economia local.

### “O Brasil já enfrenta muitos problemas sociais para gastar dinheiro público com refugiados”

Da mesma forma que colaboram, por exemplo, para a oferta de novos empregos, as pessoas refugiadas, assim como os brasileiros, contribuem com o Estado por meio do pagamento de impostos e o consumo de produtos e serviços. Diversos estudos demonstram que, no longo prazo, refugiados aportam mais recursos para a sociedade de acolhida do que aquilo que receberam na forma de assistência no momento de sua chegada. Além disso, considere também que há mais brasileiros vivendo no exterior do que pessoas de outras nacionalidades que aqui residem, e todos devem ser tratados com respeito e ter seus direitos garantidos.

## Contextualização da atividade - escutando ativamente

# Para refletir: seu bairro é solidário com quem chega de fora?

Em sala de aula, todos são brasileiros e brasileiras? Quais as ascendências mais presentes? As famílias são originais da cidade ou algum membro, ainda que distante, migrou e estabeleceu novas raízes familiares?

Mais frequentemente do que se imagina, é possível encontrar histórias de migração em nossos círculos mais próximos. Talvez até mesmo situações que envolvam deslocamento forçado e luta por sobrevivência. Por que não ampliar o alcance desse mapeamento inicial e estimular os alunos a conhecerem essas histórias?

Nossa proposta para você, professor/a, é desenvolver um mural de notícias (ou publicação escolar) com os alunos como repórteres. Eles irão ouvir aos verdadeiros protagonistas das histórias: os próprios refugiados, solicitantes da condição de refugiado, migrantes ou apátridas.

Nessa atividade, é importante estar atento à abordagem do tema pelos jovens, para garantir que o assunto seja tratado respeitosamente e que o trabalho de reportagem contribua para fomentar a empatia.

## Etapas da atividade

**Sugerimos aqui um passo a passo para fomentar a criação de um mural de notícias (ou jornal digital) sobre o tema dos refugiados e/ou migrantes que moram na cidade – ou mesmo nos arredores da escola:**

- Levantamento das possíveis pautas ou recortes relacionados ao tema do deslocamento forçado – arte, cultura, gastronomia, empreendedorismo, esporte, sociedade, gênero, idade, nacionalidade, religião, idiomas, entre outros;
- Identificação dos personagens por meio de uma conversa com os alunos, possivelmente envolvendo os pais ou mesmo organizações da sociedade civil e públicas que atendem pessoas refugiadas;

- Desenvolvimento de roteiros para as entrevistas, de acordo com o perfil da pessoa a ser entrevistada;

Aqui, sugerimos alguns temas a serem abordados: de onde vem a pessoa? Quais foram os motivos da saída? Como era a situação no país de origem? Como foi a partida? Que trajeto fez e quais meios de transporte utilizou? Com quem veio? Em quais condições chegou? Que dificuldades encontrou na chegada? Quais as dificuldades de adaptação (língua, acesso à documentação, cultura etc.)? Sente-se integrado/a à comunidade onde vive atualmente? O que fazia no local de origem e o que faz aqui para se sustentar? Do que sente falta? Do que mais gosta ao morar aqui? Quais são seus sonhos?

- Agendamento e realização da entrevista com o personagem (considere a gravação em áudio e/ou vídeo para que possa ser revisto, mediante autorização da pessoa entrevistada);

- Pesquisas em materiais de apoio, como o site do ACNUR ([www.acnur.org.br](http://www.acnur.org.br)) e textos já publicados pela Folha de S. Paulo ([folha.com/jornalistasrefugiados](http://folha.com/jornalistasrefugiados));

- Produção dos textos pelos alunos, divididos em grupos de acordo com as perguntas feitas, para aprofundarem os assuntos suscitados pelos entrevistados;

- Revisão da escrita pelos outros grupos, antes da revisão final do/a professor/a;

- Planejamento da distribuição das matérias de acordo com o conteúdo produzido e do público-alvo;

- Layout e diagramação do jornal digital;

- Plano de divulgação.

## Dica para os professores

Os professores das redes públicas de ensino (municipais ou estadual) têm um ano de acesso gratuito a todo o conteúdo Folha Digital. Essa é a chance de ficar por dentro de tudo o que é notícia e se preparar ainda melhor para as aulas. Inscreva-se em: <https://login.folha.com.br/assinatura/>



## ACNUR

70 anos de existência, presença em 130 países  
Mais de 17 mil colaboradores

O ACNUR, Agência da ONU para Refugiados, é uma organização humanitária global dedicada a salvar vidas, proteger os direitos e garantir um futuro digno às pessoas que se deslocam forçadamente. Por isso, a agência humanitária concentra esforços para garantir que todas as pessoas refugiadas possam exercer o seu direito de pedir proteção internacional como refugiado, sem que sejam deportadas para os países onde correm risco de vida.

Atuando de forma coordenada com governos e em parceria com organizações da sociedade civil, empresas e academia, o ACNUR assegura a essas pessoas que tenham acesso aos meios necessários ao seu desenvolvimento, promove sua autossuficiência e autonomia e, desse modo, contribui com a comunidade de acolhida.

O ACNUR lidera as respostas humanitárias emergenciais e de longo prazo, coordenando a articulação entre os diferentes setores envolvidos nas iniciativas em benefício das pessoas refugiadas. Sendo assim, a agência trabalha em colaboração com diversos parceiros na construção e execução de estratégias e atividades adequadas a cada contexto.

A atuação do ACNUR é sempre pautada pelo princípio da participação, consultando as pessoas refugiadas acerca das decisões institucionais que afetam diretamente suas vidas. O ACNUR se mantém por meio de contribuições voluntárias de governos e de doações arrecadadas junto ao setor privado e a doadores individuais.

### Canais ACNUR

Conheça o trabalho do ACNUR.  
Visite nossas redes:

Site do ACNUR Brasil:  
[www.acnur.org.br](http://www.acnur.org.br)

Site da exposição  
Jornalistas Refugiados:  
[www.acnur.org.br/  
jornalistasrefugiados](http://www.acnur.org.br/jornalistasrefugiados)

**f** /ACNURportugues  
**ig** @acnurbrasil  
**tw** @ACNURBrasil  
**yt** @acnurbrasil  
**in** /ACNURportugues

### Folha 100 anos

Saiba mais sobre as histórias  
dos jornalistas refugiados em:  
[folha.com /jornalistasrefugiados](http://folha.com/jornalistasrefugiados)

Conheça os projetos do centenário da  
Folha de S.Paulo em:  
[folha.com/folha100anos](http://folha.com/folha100anos)

Leia a Folha em:  
[folha.com](http://folha.com)

Acompanhe a Folha nas redes sociais

**tw** @folha  
**ig** @folhadespaulo  
**in** /folha-de-spaulo

### Memorial da América Latina

[www.memorial.org.br](http://www.memorial.org.br)

**f** /memorialamericalatina  
**ig** @memorialdaamericalatina  
**tw** @memolatina  
**yt** @MemAmericaLatina

### Museu da Imigração

[www.museudaimigracao.org.br](http://www.museudaimigracao.org.br)

**f** /MuseudaImigracao  
**ig** @museudaimigracao  
**tw** @museu\_imigracao  
**yt** @museudaimigracao  
**p** /museuimigracao  
**photos** /photos/museudaimigracao/albums